

# MUSEU DA PESSOA

## História

### Médico por vocação

História de: [Celso Ferreira Ramos](#)

Autor: [Érika](#)

Publicado em: 08/06/2021

### Sinopse

Infância em Queluz, Minas Gerais. Estudos no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Faculdade Nacional de Medicina. Sociabilidade política. Amigos ilustres. Vida cultural carioca, efervescência da Capital da República. Médico da Marinha do Brasil. Cooperativa Médica. Comeg que se tornou Unimed.

### História completa

Realização: Instituto Museu da Pessoa Projeto: Memória Unimed Rio Entrevistado por: Aparecida Mota e Clovis Bucich Depoimento de: Celso Ferreira Ramos Local: Rio de Janeiro Data: 15 de setembro de 2004 Código: UMRJ\_HV002 Transcrito por: Écio Gonçalves da Rocha Revisado por: Bruna Melo dos Santos Duque Estrada P1 – Boa tarde, doutor Celso. R – Boa tarde, professora. P1 – Primeiro, eu queria agradecer o senhor em nome do Museu da Pessoa, sua participação nesta entrevista pro Projeto Memória Unimed Rio. R – Sim, senhora. Eu lhe agradeço a gentileza. Pra mim foi muito gratificante eu ser indicado pela diretoria da Unimed Rio, prestar este depoimento sobre a fundação e evolução da Unimed Rio. Até onde eu posso me lembrar porque, na altura dos meus 90 anos, muita coisa tá esquecida. Obrigado. P1 – Muito bem, doutor Celso. Primeiro, eu queria que o senhor dissesse o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento. R – Celso Ferreira Ramos. Nasci numa cidadezinha em Minas Gerais que, então, chamava-se Queluz. E posteriormente, eu não sei quantos anos, faz uns 40 ou 50 anos, talvez mais, mudou o nome para Conselheiro Lafaiete. Fica a mais ou menos 110 quilômetros de Belo Horizonte, na linha da estrada de ferro Rio - Belo Horizonte. P1 – E quando é que o senhor nasceu? R – Nasci no dia 18 de setembro de 1914. P1 – Doutor Celso, e o nome dos seus pais e qual era a principal atividade deles? R – Meu pai chamou-se Joaquim Gonçalves Ramos Filho e era um comerciante. Quando ele morreu era exportador de café na cidade de Santos. E já tinha encerrado a firma porque o sócio dele, que era o técnico que fazia a classificação dos tipos de café pra exportação, faleceu. Ele então veio pro Rio de Janeiro com a intenção de fundar uma casa bancária e aqui permanecer. E eu então, na ocasião, eu era recém formado. Me formei em 1937. Isso ocorreu nos primeiros três meses do ano seguinte. Eu, a pedido dele, escolhi uma casa pra nós morarmos, pra ele se mudar pro Rio. E eu comprei uma casa aqui na Rua Visconde de Pirajá, pertinho daqui, número 14. Mas ele não chegou a morar na casa porque morreu de um erro médico na então Casa de Saúde São Jorge, que era no Andaraí, onde posteriormente foi erigido o Hospital do Andaraí. P1 – Sim. Doutor Celso, e o nome da sua mãe? R – Hermínia Ferreira Ramos. Natural de Queluz. P1 – Sim. R – Meu pai era natural de Madre de Espanha. Família toda mineira, os avós. Só o meu bisavô porque era português, o bisavô paterno. O materno era mineiro de Minas Gerais, perdão, Queluz, de Conselheiro Lafaiete. P1 – Muito bem, doutor Celso. O senhor tem irmãos? R – Eu tenho atualmente um irmão e uma irmã. Mas inicialmente nós éramos cinco. Um faleceu, era mais velho que eu. Faleceu aos cinco ou seis anos de idade. Na mesma ocasião que eu tive uma infecção intestinal ele teve também. A minha foi mais branda. Ele faleceu com seis anos, eu devia ter cinco. E depois de mim tinha um que era Engenheiro Agrônomo, morava em Belo Horizonte. Já falecido. Tem um que é dentista aposentado e tem uma irmã casada que mora aqui no Rio de Janeiro. O meu irmão que é dentista também mora no Rio de Janeiro. P1 – E como é o nome dos seus irmãos, doutor Celso? R – O que faleceu criança chamava-se Hélio. P1 – Sim. R – O que faleceu em Belo Horizonte, Luis. O Paulo, o dentista. E a irmã, Maria. Eu costumo dizer que é a minha irmã predileta. P1 – Doutor Celso, agora eu queria que o senhor falasse um pouco da sua infância na sua cidade natal. Como é que era, do que o senhor brincava? R – A minha cidade natal era uma cidade pequena lá em Minas Gerais, Queluz. E eu me lembro uma ocasião que nós vínhamos do Rio de Janeiro pra passar uns dias na casa do meu avô, na casa onde eu nasci por sinal. E que ainda existe porque há algum tempo atrás eu fui lá. E a casa existe ainda. E nós íamos a pé da estação até a casa. E eu então disse ao meu pai: “Eu não quero ser daqui não. A cidade é muito feia”. Subi numa ladeira, uma rampa. E que a cidade ficava um pouco elevada, quer dizer, a nossa casa um pouco elevada. E saímos da estação da estrada de ferro. Agora, foi uma infância normal. Depois nós fomos pra Santos. Meu pai foi ser agente do Loyd Bank brasileiro em Santos. Isso 1923 a 1924. P1 – Doutor Celso, desculpe, mas eu queria que o senhor falasse mais sobre essa casa que ainda existe. R – Essa casa é uma casa que meu avô materno era comerciante. Então o comércio funcionava no andar térreo e a residência era em cima. Tinha cinco janelas no andar superior. Eu nasci no quarto, olhando pra rua, na quinta janela da esquerda pra direita. E, a uns cinco anos mais ou menos, eu voltei lá em Queluz a convite de um médico nascido lá também, que estava prestando uma homenagem aos Queluzianos ilustres. Era até o nome da solenidade que se realizou na Câmara Municipal. P1 – Sim. R – E eu então era um dos Queluzianos ilustres que foram todos aqueles que saíram de Queluz, que tiveram alguma projeção na vida. Então, eu fui lá e fui à Rua Direita número sete, que era a casa do meu avô, e a casa estava lá ainda. Uma casa que nós fizemos uma série de molequeiras. Naquela ocasião, durante o carnaval, nos

bailes, se usavam umas bolas com água perfumada, água de colônia. Isso jogava nas moças nos bailes de carnaval. E nessa época de carnaval, com um bambu, eu fazia, eu e meu primo que era muito levado. Que eu morava com três primos. Filho da irmã mais velha de minha mãe, falecida quando eles eram criancinhas. E através de um buraco no portão de entrada, eu colocava uma bomba que eu fazia de bambu cheia de água. E meu primo, de cima da janela, dizia: “Agora!” Eu então jogava a água em quem passasse na rua. E meu avô tinha sido prefeito da cidade. Aliás, um prefeito bom porque ele colocou luz elétrica na cidade e também telefone. O museu de Conselheiro Lafaiete está instalado hoje na antiga cadeia. E lá tem um retrato dele, mais de um retrato dele com a mesa telefônica. A primeira mesa telefônica do serviço de telefonia da cidade está lá. E lá está escrito que foi quando ele era prefeito. A data eu não me lembro. Ta lá. Então foi um político ilustre. Ele era chefe da zona eleitoral que elegeu o Artur da Silva Bernardes desde deputado até Presidente da República. E ele era primo do Artur Bernardes. O político. O outro avô materno foi o chefe político no plano federal. Esse mais importante que o materno porque ele foi primeiro abolicionista. Ele participou da campanha da abolição da escravidão e também da proclamação da República. Ele era filiado ao Partido Republicano Mineiro, do qual ele era líder no congresso. E, durante a Assembleia Constituinte de 1991, era líder do partido e líder do governo. P1 – Sim R – Assinou a Constituinte de 1991. P1 – Doutor Celso, eu queria que o senhor falasse mais um pouquinho de quando o senhor era pequeno. O senhor era muito bagunceiro? R – Eu era excessivamente bagunceiro. Nós mudamos depois pra Santos. Eu já disse que o meu pai foi agente do Lloyd Bank de Santos. E, posteriormente, indicado pelo doutor Artur Bernardes. E depois, ele saiu e constituiu uma firma de exportação de café. Eu me lembro até que, numa ocasião, um jornal de Santos, a Tribuna de Santos, publicou uma caricatura do meu pai. Porque ele era agente do Lloyd Bank e saíra do porto de Santos um navio, Mandú, era o nome do cargueiro, carregando 100 mil sacas de café, que foi o maior carregamento de café então saído de um porto brasileiro. E a Tribuna publicou uma caricatura de meu pai, uma charge dele, com os seguintes dizeres: “Os outros exportam, mas este é o campeão do transporte”. Então, depois de ser agente do Lloyd, ele abriu uma firma exportadora de café e eu estudei. Primeiro, eu fiz o meu curso primário em Belo Horizonte. P1 – Eu queria que o senhor falasse sobre isso. R – Eu fiz o meu curso primário em Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, as escolas públicas primárias tinham um nome diferente. Chamavam-se Grupo Escolar. Aqui sempre Escola, Escola Primária e tal. Lá era Grupo Escolar. E eu fiz o curso primário no Grupo Barão do Rio Branco que era tido como o melhor da cidade, mas também ficava perto da casa de meus avós. Fiz o curso lá. Depois vim para o Colégio Pedro II. Quando eu entrei, em 1926, no Internato Pedro II. Naquela ocasião, o Internato Pedro II, o Colégio Pedro II, na minha opinião, era o melhor colégio do Rio de Janeiro. Os concursos para professor catedrático - naquela ocasião o professor catedrático era nomeado através de concurso, não tinha nomeação - eram um acontecimento cultural na vida do Rio de Janeiro. Eu então, quando era interno, em 1926, nós saíamos uma vez por semana, aos domingos, às oito horas da manhã e voltávamos segunda-feira às oito horas da manhã, que era para pegar o almoço que era servido às oito e meia. O café da manhã era servido às seis e meia da manhã. O almoço às oito e meia. Ao meio dia tinha um chá ou mate com pão e manteiga. Metade do pão cortado numas mesas de mármore compridas com bancos coletivos. E o jantar às três e meia da tarde. E às oito, um chá mate também com meia fatia de pão. A manteiga já vinha passada. E às oito e meia, nós dormíamos num dormitório coletivo com várias camas. Não me lembro quantas camas eram. P1 – Doutor Celso, mas a sua família veio pro Rio de Janeiro? R – Meu pai. Minha mãe não. Mas eu vim morar na casa de meu tio. P1 – Sim R – De minha tia. Meu tio. Porque meu parentesco era com minha tia, que era a irmã mais velha do meu pai, em casa de quem eu morava quando saía do Pedro II. Ela morava em São Cristóvão, na Rua Bonfim, 135. Uma casa formidável, com uma varanda lateral daquelas, com uma escada gradeada. A grade em cima, na varanda, descia pros fundos da casa também. Com um terreno enorme onde eu fazia as minhas estripulias. P1 – Doutor Celso, quando o senhor estava no Pedro II já achava que podia ser médico? R – Não. P2 – Vou perguntar para o doutor Celso depois. P1 – Desculpa! P2 – A questão da Unimed. Vou aguardar, doutor Celso, a questão da infância e adolescência. Depois entra na Unimed. R – Sim senhor, tá bom. Mas quando eu era aluno do Pedro II, no terceiro ano do colégio, eu manifestei desejos de ir pra Faculdade de Medicina, ser médico. Meu avô era médico. O que foi Deputado Federal, o pai do meu pai, era médico. Era psiquiatra. Fez curso na França, na Salpêtrière com Charcot, um dos maiores psiquiatras franceses. E ele fez curso lá na Salpêtrière com Charcot e veio pro Brasil pouco antes da Proclamação da República. Que ele é republicano ilustre, foi republicano ilustre. Mas eu ainda, em Santos, eu estudei em Santos. Vim pro Rio de Janeiro. P1 – Sim R – Vim pro Rio de Janeiro. Eu me lembro que eu tinha 11 anos. E meu pai me embarcou num navio do Lloyd Bank. E meu tio, casado com essa minha tia, em casa de quem eu morei, era Diretor da Saúde Pública Marítima Fluvial. Na ocasião, não tinha Ministério da Saúde. E ele então... A diretoria de Saúde Pública Marítima Fluvial é na Praça Marechal Orlando Coroloto [Floriano Peixoto?], perto do antigo mercado. E os navios eram visitados por um médico que saía da sede da repartição chefiada por meu tio. E a bordo fazia uma vistoria. E então eu voltei com a minha maletazinha, a minha malinha, a bordo da lancha. E de tarde fui com o meu tio pra casa dele. E o curioso que o meu tio tinha um carro oficial. Mas o carro só era usado para transporte dele para o trabalho. O carro ficava estacionado no Largo da Carioca e todo mundo sabia que às cinco horas da tarde ele voltava pra casa. Então, quem queria pegar uma carona chegava até as cinco horas para pegar carona no carro dele. Ele não usava o carro, a não ser para o trabalho. Isso me faz lembrar que meu pai tinha também um carro quando ele era agente do Lloyd Bank, que também ele usava só para o trabalho. Parece que um pouquinho diferente de hoje, mas enfim. E uma ocasião, perto de Santos, agora faz parte de Santos, talvez faça parte da Grande Santos, São Vicente. São Vicente tinha uma prainha com uma bica. E eu ouvia falar nessa prainha e nunca tinha a chance de ir lá. Um dia eu falei com o meu pai: “Meu pai, porque nós não vamos à prainha no carro?” “Mas o carro não é meu, meu filho, o carro é para o trabalho. Me leva para o trabalho, volta pra casa e tal”. Eu digo: “Mas, papai, o senhor fala com o Sr. Scarpini”, que era um italiano, o motorista dele. “Você paga a gasolina e nós vamos no carro e você dá uma gratificação pro Sr. Scarpini”. E assim que eu conheci a prainha. Porque o meu pai usava o carro só pra apanhá-lo em casa, levar pro Lloyd, do Lloyd pra casa. Agora, já que nós estamos na infância, em Santos, onde meu pai morava, a minha família morava, eu fui lá por ocasião das férias. Uma ocasião nós estávamos... num sábado, meu pai de vez em quando trabalhava aos sábados, de vez em quando não, naquela ocasião, se trabalhava aos sábados. Depois que inventaram semana inglesa e não se trabalhou mais aos sábados. Mas eu fui com os meus dois irmãos e nós pedimos dinheiro ao meu pai pra tomar um sorvete. Meu pai deu uma quantia. Nós fomos a sorveteria. Quando chegamos na sorveteria tomamos o sorvete. Na hora de pagar, o dinheiro não era o bastante. Então, eu e meu irmão mais velho saímos e deixamos o mais moço como refém para nós buscarmos dinheiro em casa para pagar a conta do sorvete, que o dinheiro que o meu pai tinha dado não era o bastante. Bom, eu fui um capeta. No colégio, eu fui muito levado. Mas muito levado. Me lembro que uma ocasião, eu saí do colégio com um outro colega porque no Pedro II, nós acordávamos às seis horas e íamos pro banho. Banho era banho frio, coletivo. O banheiro do colégio era como se fosse uma piscina sem água. Os chuveiros, vários, 20 ou 30 chuveiros, no teto. E o inspetor abria os chuveiros pros alunos tomarem banho. E subia-se uma escada saindo da piscina vazia. E ia. Tinha uns estrados de madeira. A nossa roupa ficava pendurada no cabide e nós tomávamos banho. Tinha uns que não tomavam. No inverno, a água fria, no inverno não tomavam banho. Então eram apelidados de Cascão. “Fulano é cascão, não toma banho”. Mas um dia eu me tornei cascão, fugi do colégio, durante o banho, pulando o muro do colégio, dos fundos do colégio. Fui a pé até o Largo da Canela acompanhado por um colega pra tomar

café. Quando o chefe de disciplina passa no bonde Cascadura, na porta do botequim, e me viu de frente pra rua. Nós estávamos na primeira mesa. E o colega de costas. Era no inverno. Durante o inverno, ele usava um sobretudo porque eram seis horas da manhã. E quando eu saio, nós voltamos e voltamos pro banheiro pra sair com o pessoal pra tomarmos café. Quando na saída ele disse: “Mocinho, logo mais vá pra sala de disciplina”, que era a sala dele. “Vá pro gabinete.” E ele então disse: “O senhor estava apressado, hein? Não quis tomar café no colégio, foi tomar café na Cancela. Por que?” Eu: “Eu quis ir na Cancela, fui tomar café.” “Mas você não estava sozinho. Você tava com outro colega. Com quem você estava?” Eu digo: “Ah, eu não me lembro.” “Como, se foi agora a pouco. Você não se lembra?” “Não me lembro.” Eu não fui punido porque eu não disse o nome do colega. Nós estávamos no sexto ano, e já era mais pro fim do ano. Quando nós chegamos no fim do ano, quando já não tinha mais nada, já tinha sido diplomado, ele me perguntou: “Quem estava com você no colégio?” Eu digo: “Bom, agora eu não sou mais aluno do colégio, posso dizer ao senhor. Era o Paulo Samuel.” Ele: “Hum, danado. Não sei porque eu não me lembrei.” Paulo, meu querido amigo, colega de colégio e colega de turma. Eu sou padrinho de um filho dele. Ele já faleceu há algum tempo. Cirurgião ilustre. O filho também é cirurgião. Foi padrinho do Paulinho. Outra grande estripulia que eu fiz no colégio, que no quarto ano eu fui vagabundo mesmo, desses com V grande. Eu não estudava. Então fui reprovado por merecimento mesmo. Merecia ser reprovado porque não estudei. Mas naquela ocasião, o aluno era reprovado, se fosse reprovado até duas matérias tinha direito de fazer exame de segunda época. Mas eu tinha sido reprovado em quatro matérias. Então não tinha segunda época. Repeti o quarto ano, mas frequentando só as quatro cadeiras onde eu não tinha sido reprovado. E a turma toda, quando eu não tinha aula lá pra biblioteca. O colégio tinha uma biblioteca magnífica e lá eu me instruí muito, li muitos livros de literatura portuguesa. Eça de Queiroz e os brasileiros José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e, enfim, vários deles. E eu, o colégio, nós entrávamos para as refeições em coluna de dois. E eu era o mais alto da turma. Eu era o último, sentava na cabeceira. No jantar, quem servia a sopa e o feijão era eu. E ia passando até o menorzinho lá. E servia também a sobremesa. A sobremesa era sempre bananada, pessegada, goiabada ou marmelada. Já vinham cortados aqueles pedaços. E eu, vinha sempre além da conta. Sobravam uns três ou quatro. Eu sempre ficava com dois pedaços e dava às vezes pros que ficavam perto de mim, dava também um pedaço de goiabada. E a sopa e o feijão quem servia era eu. E quem queria muito debruçava sobre a mesa e dizia: “Celso, carrega.” Carrega era botar mais quantidade. Então uma ocasião eles, a turma toda, numa dessas matérias que eu não frequentava, foi preso de saída. Eles, na hora do jantar, que era às três e meia da tarde, já falei, eles me convidaram pra fugir do colégio, pra eu chefiar a fuga. Que nós entrávamos o mais baixo e depois saía pelo mais alto, que era eu. E nós íamos por um saguão, um quadrado que nós dávamos a volta nas extremidades do salão, que eram duas escadas. Escada que ia pra baixo, pra portaria, e direto para a saída. Então nós combinamos. Eles me convenceram de fugir. Eu não tinha nada com a história, mas como eu era muito vagabundo mesmo, eu resolvi chefiar a fuga. E quando nós chegamos na porta que dava acesso à escada, em vez de eu continuar pelo saguão, eu desci a escada correndo, desabalada carreira. Mas o seu Castão, o chefe de disciplina, gritou: “Faria, Faria.” que era um senhor de idade, o porteiro, “Fecha a porta, fecha a porta.” E eu empurrei o Seu Faria tentando fechar o portão, mas ele era velhinho. Eu empurrei o Seu Faria e saí. Fui o único a fugir. O Paulo Samuel, que era dos menores da turma, ele resolveu se esconder, naturalmente pretendendo fugir depois, não sei. E ele se escondeu num lugar muito esquisito, no saguão de entrada tinha um sanitário com quatro vasos sanitários cujas portas não iam até o solo. Então o Paulo resolveu ficar sentado num vaso sanitário e o Castão foi fazer a vistoria que contou que faltavam dois. Só tinha fugido um, faltava o outro. Era o Paulo Samuel que estava lá dentro, no vaso sanitário, escondido para depois fugir, naturalmente. Bom, isso são as estripulias do Pedro II. P1 – Doutor Celso, o senhor se lembra de algum professor particularmente no Pedro II? R – Me lembro. É isso que eu ia contar. Pedro II era um colégio diferente. As turmas eram de 30 ou múltiplo de três porque eram duas fileiras de três carteiras. E as seis primeiras carteiras não eram de ninguém. Eram chamados bancos de honra. Eram o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto e o sexto melhores alunos daquela matéria. P1 – Sim. R – Tinha uma carteira que era cativa. Era ocupada por um colega que nós chamávamos de Fonsequinha, que era o número um em todas as matérias. E eu era o sexto aluno em História do Brasil, cujo professor era o Pedro do Porto. Me lembro muito bem dele. Era um mulatinho claro, cabelo, cabeça totalmente grisalha, bigodes à Kaiser. Era professor de História do Brasil e foi Diretor do Colégio Pedro II. Ele detestava futebol. Não se jogava futebol no Pedro II, no colégio. Nós jogávamos handebol. P1 – Sim. R – Que era diferente desse handebol que jogam hoje. Tinha handebol e voleibol. Mas, futebol não. Mas nós jogávamos futebol na quinta. Tínhamos um timezinho, jogávamos na quinta as peladas. E eu era o centro volante do time. E ele então foi perguntando: “Fonsequinha, você joga futebol?” O Fonsequinha era o melhor aluno e o melhor jogador. Ele disse: “Não senhor.” “Número dois, joga futebol?” e ele não jogava. Número três, número quatro, número cinco. Ele já tava feliz da vida porque diziam que o jogador de futebol tem o cérebro atrofiado e a pata deste tamanho. Então: “Celso, você joga futebol?” “Jogo, sim senhor.” Ele disse: “Toda regra tem exceção. Continuando.” E aí continuávamos. Bom, isso eram as estripulias da infância aqui no Rio. P1 – Então, doutor Celso, depois do Pedro II onde é que o senhor estudou? R – Depois do Pedro II, eu fui pra Faculdade de Medicina. A faculdade que, na ocasião, chamava-se Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. P1 – Mas, doutor Celso, quando é que o senhor achou que ia ser médico? R – No terceiro ano, segundo para terceiro ano, eu me decidi. Tanto que, como eu tinha um colega... Naquela época, o aluno que saísse diplomado do Pedro II entrava na Escola de Arquitetura na primeira turma, Escola de Arquitetura, sem fazer vestibular. E como eu desenhava muito bem, o Hélio Uchoa Cavalcanti, que foi um arquiteto brilhante, que foi inclusive assistente do Oscar Niemeyer, o Hélio fez tudo para eu sair do quarto ano direto pra Escola de Arquitetura. Mas eu não. Eu disse: “Eu vou estudar medicina, quero estudar medicina.” Estudei medicina. E a minha turma foi a primeira turma da limitação de vagas. Limitaram as vagas nas escolas de medicina a 200 alunos porque a turma de 1935 da faculdade aqui do Rio tinha formado 535 médicos. E São Paulo, a Faculdade de Medicina foi fundada em 1930, por aí assim. Eu sei que a maioria, 40% dos alunos da minha turma eram originários de São Paulo, cuja Faculdade de Medicina foi fundada bem na década de 30, não me lembro mais quando. Mas na turma de 1935 formaram-se 535. E a minha turma foi a primeira turma de 200 alunos. Entramos 170. A média mínima era cinco. Existiam provas orais e escritas. Não era como hoje, múltipla escolha. Eram prova oral e prova escrita. P1 – Doutor Celso, mas aí o senhor já era estudioso? R – Eu, aí, no quinto ano eu já comecei, depois eu vi a burrice que eu tinha feito em não estudar no quinto ano, no quarto ano. E fui até razoavelmente bem classificado. De 200. eu fui o sexagésimo nono com a nota 5,999. Porque eles chegaram a esses milésimos eu não sei, mas era 5,999. E uma coisa curiosa, eu tive dois colegas de turma, no Pedro II e na faculdade, filhos de Presidente da República. O doutor Artur Bernardes, Presidente da República, tinha um filho mais moço, Geraldo, que foi o meu colega de colégio no Pedro II. Embora o doutor Artur Bernardes morasse aqui no Rio, o filho dele estudou no primeiro ano interno no Pedro II. Ele foi meu colega no Pedro II e na faculdade. Eu fui colega do Lutero Vargas. Lutero Sarmanho Vargas, filho de Getúlio Vargas. Eu posso lhe garantir que nenhum deles demonstrava ser filho de Presidente da República. Durante o colégio, o Lutero tinha um carrinho particular que era dele e ele dirigia. Não tinha carro oficial nem nada e ninguém sabia que o Lutero era filho do Getúlio, a não ser pelo sobrenome. Lutero Sarmanho Vargas. P1 – Doutor Celso, o senhor estudou na Faculdade de Medicina na época da ditadura do Vargas, não foi? R – Foi sim senhora. É a esse respeito, foi bom a senhora se lembrar. Eu fui revolucionário de 1930. Quando o Getúlio chegou ao Rio com a tropa vinda do Sul, ele veio com um lenço vermelho

no pescoço. Eu não sei como, não me pergunte, mas eu sei que nós saímos do Pedro II. Alguns com o lenço vermelho no pescoço tomando carona em caminhões que passavam. E viemos pro centro da cidade. Quando o Getúlio comemorou o primeiro aniversário, no dia 24 de outubro de 31, fardado no Colégio Pedro II, que eu só me formei no fim do ano, dezembro, estávamos eu e o Alberto Torres, meu colega, meu querido companheiro. Nós estávamos nas torrinhas do Municipal quando o Getúlio levantou da mesa limpando os óculos com o lenço para ele ler o discurso dele, quando o Alberto ao meu lado gritou: “Alto lá, Sr. Presidente. Fala a voz da mocidade do Colégio Pedro II.” Getúlio sentou-se. E o Alberto, que era orador desde aquela época, fez uma saudação ao Getúlio, digamos assim, uns dez minutos. Quando ele terminou a saudação tava um meganha, que era o apelido do policial, ao lado, que o Getúlio tinha mandado chamar. Eu pretendi descer também, mas ele disse: “Não senhor. Não, você não. O doutor Getúlio só convidou ele.” E o Alberto foi apresentado ao Getúlio. Uns dois ou três anos depois, o Alberto virou às avessas. Era contra o Getúlio. Foi deputado. O curioso é que ele foi deputado pela UDN. Ele tinha um irmão, Augusto Torres, que foi deputado pelo PDS ou PSD, eu não sei como era, qual era a sigla naquela ocasião. Mas era governo. E o irmão dele, mais velho, era um general, era interventor federal no Estado do Rio de Janeiro. E o Alberto se tornou jornalista. Era diretor do “O Fluminense” e fazia uma campanha tremenda contra o governo. Ele que foi revolucionário, como eu, de lenço vermelho no pescoço. Mas... P1 – Dr. Celso, o senhor tinha atividades políticas quando era estudante da Faculdade de Medicina? R – Não, nenhuma. E é uma coisa curiosa, eu lembro sempre isso e digo que eu detesto política. Eu sou contra o voto obrigatório. Eu acho que o voto é um dever, mas não é uma obrigação. Vota quem quer. Sou também, já sei que vou ser pichado por isso, sou contra o voto do analfabeto. Porque o analfabeto não sabe o que é vereador, não sabe o que é congresso, não sabe o que é senador, não sabe estado bicameral, não tem esses conhecimentos. Então, na minha opinião, ele não pode escolher ninguém pra ser parlamentar. Isso é idéia pessoal minha. Sei que tem muita gente, mais muita gente, contra mim. Mas o curioso é que com dois antepassados ilustres, nenhum de nós, nem os filhos de minha mãe, cujo pai era político, ou os filhos de meu pai, os filhos de meu avô paterno, se tornaram políticos. Ninguém. Absolutamente ninguém. E a descendência também. Eu não tenho nenhum filho político, não tenho nenhum sobrinho político, nenhum neto político, de modo que na verdade o negócio é esse. Eu entrei pra faculdade. Na faculdade tentei ser moleque. Porque numa das primeiras aulas, a Faculdade de Medicina, é uma pena terem demolido aquele prédio, ela tinha uns anfiteatros inclinados e o professor ficava embaixo e os alunos subiam as escadas para sentar nos bancos da faculdade. E, o que eu ia falar? Ah, eu estava numa aula lá em cima, lá nos últimos degraus. Com uma folha de papel, eu fiz um aviãozinho de papel e joguei lá de cima, do alto, em cima do professor. Então um colega meu que tinha sido colega do Pedro II: “Celso, aqui não é o colégio não. Não faz isso”. E eu tava querendo fazer molequeira. Mas na faculdade, eu fui comportado. Fui comportado. P1 – O senhor era estudioso na faculdade? R – Eu era. Eu mudei. Eu só fui vagabundo no quarto ano. Vagabundo com V maiúsculo. Mas na faculdade eu fui razoável. Não fui aluno brilhante, mas fui um aluno regular. Tanto que, pela colocação no vestibular, a senhora vê que eu não fui assim tão mal, não é? P1 – É verdade. R – Fiquei na primeira metade. Antes da primeira metade. P1 – E quando é que o senhor se decidiu pela sua especialização? R – Bom, isso aí já foi lá no terceiro ano. Eu tinha uma prima cujo irmão era chefe de um serviço de cirurgia no Hospital São Sebastião, que era um hospital de moléstia infecto-contagiosas, tuberculose. P1 – Sim. R – E tinha uma enfermaria de cirurgia, onde o irmão dessa prima chefiava. E eles tinham um internato de estudantes com capacidade para 30 estudantes. E eu me lembro que, na ocasião, eu morava como estudante de medicina, depois eu saí da casa dos meus tios, fui morar nas pensões no Catete. Rua Correa Dutra, Rua Buarque de Macedo. Na Buarque de Macedo, eu nunca morei porque eram as pensões mais caras. Eram 200 mil réis por mês. E a minha eram 180 mil réis por mês. E eu, então, quando eu consegui esse internato, eu não pagava mais pensão. Tinha casa e comida. Meu pai escreveu uma carta, que o telefone era uma coisa praticamente inexistente. Falar de Santos pro Rio era uma eternidade. Escreveu uma carta dizendo que a mesada, porque eu era o único interno do Pedro II que recebia a mesada inteira, integral, mensalmente. Meu pai depositava no Banco Hipotecário de Minas Gerais, já falecido há muito tempo. Foi o banco, aliás, que deu origem ao Banco Nacional dos Magalhães Pinto. Mas meu pai resolveu cortar em 180 réis a minha mesada. Minha mãe não deixou. Eu então era o único que recebia 300 mil réis todo mês, o que era um absurdo pros outros colegas que eram pobres e não recebiam essa mesada. Mas por causa da minha mãe, eu passei. Então eu fui pra essa enfermaria de cirurgia. Quando eu cheguei lá, os colegas disseram: “Onde é que você veio trabalhar, em que pavilhão?” “No pavilhão Oswaldo Cruz”, que era o nome do pavilhão de cirurgia. “Com aquela fera? Não é possível. Há anos que ele não tem interno, que ninguém agüenta aquele homem”. Eu disse: “Pois é, mas eu vou ver se eu agüento”. Agüentei. Trabalhei lá no terceiro, no quarto, quinto e sexto ano. E depois, como médico, eu o ajudei na clínica particular. Ele tinha dois sanatórios em Correias. Um sanatório que era numa casa histórica, que eu não sei se ainda existe. Mas ele deu o nome de Sanatório Dom Pedro, porque era a casa em que o Pedro II se hospedava quando ia à Minas, à Província de Minas Gerais. Ele fazia uma parada em Correias, onde era o sanatório. Ele tinha dois sanatórios. Esse que era o menor e o outro maior, que parece que hoje é o Hospital do INSS lá em Correias. Eu não sei nem mais onde que fica. P1 – Doutor Celso, mas como é que era o nome dessa fera? R – Luiz Azambuja Lacerda. Eu me dei muito bem com a fera. E, realmente, ele não era brincadeira. Mas eu sempre fui muito, como estudante de medicina, eu passei a ser disciplinado, deixei de ser levado. Sempre muito obediente. Então, eu me dei muito bem com ele. Fiquei. Tanto que, hoje um fato curioso é que ele me prometeu um lugar de médico na prefeitura. E eu tinha feito concurso pra Marinha e tinha um mês de Marinha, talvez menos, três semanas, um mês. Quando chego em casa e minha mãe mostra: “Chegou esse telegrama pra você”. Era um telegrama dizendo que eu tinha sido nomeado médico da Prefeitura, do Distrito Federal, que eu comparecesse a tal lugar assim. E eu já tinha gasto dinheiro em fazer o uniforme da Marinha. Que naquela ocasião, nós tínhamos que fazer os uniformes de Oficiais da Marinha. E a Marinha descontava mensalmente uma prestação e dava um auxílio pra nós comprarmos o uniforme. E ela descontava mensalmente uma determinada quantia, que eu não me lembro mais quanto era, pra pagamento de uniformes, durante um ano. E eu já havia pagado a primeira prestação e tinha levantado esse empréstimo. Eu saía da Marinha... cheguei a pagar essa indenização do que eu tinha recebido. E o lugar, a remuneração da prefeitura era 100 mil réis... agora estou me atrapalhando um pouco na unidade monetária. Mas acho que eram 100 mil réis. Que era mais ou menos insignificante. Talvez um vigésimo do que eu ia ganhar na Marinha. Eu então optei pela Marinha. E um colega, que era casado com a filha de um dos maiores otorrinos que o Rio tinha naquela ocasião, doutor Raul De Sanson, Davi Raul De Sanson... o nome dele era Aroldo Rocha Portela, ele era casado com uma filha dele. “Não vai continuar aqui”, não sei o que e etc. “Eu vou ficar, já estou aqui.” E fiquei na Marinha. Um mês depois, embarquei no Encouraçado de Minas Gerais. O Encouraçado de Minas Gerais saiu daqui com destino a Salvador. E eu queria uma mulher em cada porto. No primeiro porto, arranjei uma baiana e me casei com ela. P1 – Doutor Celso, vamos fazer um pequeno intervalo? R – Vamos. P1 – Tá bem. P1 – Doutor Celso, eu queria que o senhor respondesse pra gente qual é o significado do senhor ser médico. O que isso significa pro senhor? R – Eu fui médico porque foi inclinação natural. Mas logo depois que eu me formei eu disse: “Eu escolhi uma profissão que vou viver do mal dos outros. E eu vou tratar de alguém e por esse tratamento eu vou receber dinheiro. Então, se o indivíduo não estiver doente não precisa de mim. Isso, no princípio de minha carreira, mais ou menos me marcou. Tanto que eu nunca respondi à primeira pergunta feita pelo cliente: “Doutor, quanto é que eu devo ao senhor?”. Eu não me lembro nunca de ter respondido isso à primeira vez. E uma ocasião, eu tinha uma pequena casa de

saúde em São Cristóvão e entra um homem modesto, carregando uma criança, menino de uns dez anos, no colo. Eu examinei e vi que ele estava com apendicite. Já tinha uma casinha de saúde de 12 leitos, pequena, modesta. Então eu examinei o menino e vi que ele era portador de uma apendicite aguda. Eu disse a ele: “Meu senhor, eu não posso operar seu filho. O senhor tem que levar agora seu filho pro Hospital do Pronto Socorro”. que era o nome que o Souza Aguiar tinha naquela ocasião. “Eu não posso operar, isso aqui é uma casa comercial que paga pra internar, paga honorário do médico. Então eu não posso operar o seu filho”. “Não, doutor, o senhor vai operar o meu filho. Eu tenho dinheiro pra lhe pagar”. E puxou cinco notas. Me lembro até hoje, cinco notas lilás, cor lilás, com a efigie, o retrato da Princesa Isabel. Era nota de 50 mil réis. Cada nota daquela 50 mil réis. Tinha 250. A diária da Casa de Saúde era 20 mil réis. Então com aquilo ele não pagava nem as diárias, quanto mais o meu serviço. Telefonei pro Paulo, que era meu grande amigo, e disse: “Paulo, temos que operar aqui uma apendicite aguda. Vem depressa”. E nós operamos a apendicite do menino. Era supurada, conforme eu tinha diagnosticado. E perfurada. Depois aconteceu, deu uma complicação que se chama fistula estercoral, que o intestino, a perfuração adere à parede e as fezes saem por aquele orifício exigindo uma nova cirurgia. Então, durante algum tempo, o menino ficou internado lá. E meu sócio dizia: “Celso, como é que vai fazer com esse menino?” “Olha, ele tá bom”. E ele ficou internado uns três ou quatro meses. E depois de algum tempo, ele não ficava mais em quarto. Ele dormia num colchão no quarto da enfermeira chefe que dormia lá. Então isso, no princípio da vida, me preocupava. Eu ter que cobrar de alguém um serviço que eu tava prestando. Então só vou viver através da doença dos outros. Mas eu fui porque queria ser. No terceiro ano, do segundo para o terceiro ano, manifestou o desejo. Resisti à cantada do Hélio Uchoa Cavalcanti para ser arquiteto e fui ser médico por vontade própria. P2 – Doutor Celso, o senhor havia relatado um período longo na Marinha do Brasil como médico. É lá que o senhor ficou esse tempo? R – Marinha do Brasil? Foi desde 1940, quando eu entrei. 1940 até fins de 1961, eu fui médico da Marinha. Fui médico do Encouraçado Minas Gerais. Fiquei na Bahia um ano e oito meses. Mais tarde, eu voltei pro Rio e me casei na Bahia. Vim pro Rio antes do casamento. Cheguei aqui no Rio no dia 19 de setembro de 1944. Eu me lembro porque era a data de aniversário de um colega do hospital onde eu fui servir, e tava comemorando o aniversário dele no dia seguinte ao meu. Então, por isso que eu guardo. 19 de setembro. Fui casar em 14 de novembro. Dois meses depois, eu voltei à Bahia para me casar. Me casei, fôto virgem. Não conheço nenhum, sem ninguém da minha família. Vou lhe explicar por que. Minha família morava aqui no Rio, na Rua Visconde de Pirajá. Minha mãe, viúva. Meus irmãos. E nós estávamos num período de guerra. Então eu fui, eu reservei três passagens, que era uma para mim, outra para minha irmã, outra para minha mãe. Três dias antes da viagem, eu ia chegar numa sexta-feira e casar num sábado. Casaria no dia seguinte. Recebo um telefonema da Panair que uma passagem tinha sido cancelada. Eu disse: “Mas não é possível isso”. Vou lá na Panair. Então dizem: “Tá cancelado. Nós estamos em guerra. O senhor reservou três, mas só tem direito a duas.” Devolveram até o dinheiro da que eu tinha pago. Aí, na véspera de eu viajar, dois dias antes da viagem ou três dias antes, cancelaram a segunda. E depois, por incrível que pareça, na véspera da viagem, cancelaram a minha passagem. Eu ia viajar na sexta-feira pra casar no sábado. Na quinta-feira cancelaram a minha passagem. Eu tinha um amigo na diretoria do pessoal da Marinha que, por sua vez, tinha um colega de turma que era ajudante de ordem do Ministro Salgado Filho. O Ministério da Aeronáutica funcionava na Rua México. Então eu procurei o Pessoa e o Pessoa telefonou pro major, cujo nome eu não me lembro agora. Eu fui lá falar com ele, ele então me deu um cartão mantendo a minha passagem. Quando eu cheguei lá, mostrei ao balconista. Fiz questão de mostrar que tinham cancelado a minha passagem. Ele disse: “Não, a passagem tá cancelada”. Eu voltei pro Ministério da Aeronáutica a pé, Rua México ali pertinho. A Panair era na Nilo Peçanha onde hoje é a sede do Banerj. E voltei. Cheguei lá, fiz um carnaval danado. “O homem debochou até do senhor, major. Debochou que não sei o que.” “Ah, é assim?” Então no gabinete do Salgado Filho, e com um cartão “Ministro da Aeronáutica, determino que seja concedida a passagem pro primeiro tenente fulano de tal.” Eu voltei com o cartão, e assinou Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica. Eu voltei com o cartão, todo vitorioso. Aí, então, procurando o camarada que tinha me negado. Alguém quis me atender antes, eu digo: “Não, eu quero falar com aquele ali.” E joguei o cartão em cima da mesa assim, mal educadamente. “Quero saber agora se a minha passagem ta vaga ou não.” “Eu tô querendo me casar, meu senhor. Vou casar sábado, vou viajar amanhã.” Aí a passagem foi reconsiderada. E depois eu vi quem é que tinha cancelado duas das passagens. Era um senhor muito gordo, muito rico, doutor Pancho de Carvalho. Ele era tão gordo, e naquela ocasião os aviões eram estreitinhos. Ele ocupava duas cadeiras. Ele sempre pagava duas passagens. Então foi ele o autor do cancelamento de uma passagem. P2 – E agora, na trajetória sua. R – Depois, espera aí, eu estou ainda na Marinha. Depois eu fiz, anos depois... um outro amigo meu na diretoria de pessoal me telefona e diz: “Celso, eu já vi sua ficha aqui. Você não tem nenhuma missão no exterior. E eu sou o oficial encarregado disso. Então você deve fazer uma missão no exterior. Eu vou indicar você médico do navio Escola Miranda de Saldanha. Vai fazer uma viagem de circunavegação.” Eu digo: “Pô, vai ser um negócio, tudo bem, quero.” Aceitei. Aceitei e saiu a designação no boletim da Marinha, que era naquela ocasião um boletim semanal. O comandante do navio resolveu oferecer um almoço aos oficiais no [Clube] Piraquê para conhecer todos os oficiais. E nós teríamos que ir fardados. Mas, dias depois, minha senhora disse: “Celso, você não vai viajar.” Eu digo: “Por que?” “Eu to grávida.” Eu digo: “E daí? É o quarto filho.” “Tô grávida, mas você não vai viajar. Onde é que você vai estar em setembro, que a criança deve nascer no princípio de setembro.” Eu digo: “Ah, eu devo estar em Java, Sumatra, por aí.” “Ah, então não vai não.” E eu fui ao almoço pra conhecer o comandante e disse a ele que não podia aceitar por esse fato. Foi um escândalo na Marinha, alguém recusar uma viagem dessas. Na viagem seguinte era o mesmo oficial: “Você, agora, não tem gravidez nenhuma. Você vai viajar.” E eu cheguei em casa e perguntei pra minha mulher: “Você tá grávida?” Ela disse: “Não.” “Então eu vou viajar.” E fiz uma viagem. Nós visitamos todos os países não comunistas da Europa no Duque de Caxias. Começou na Ilha Canárias, Tenerife, depois fomos todos os portos. Eu não vou dizer todos porque não vou me lembrar a seqüência. Mas eram todos os países não comunistas da Europa, foram visitados por nós. E quando nós chegamos a Berlim, chegamos a Hamburgo, eu tive vontade de ir a Berlim, que tava dividida por um muro nessa ocasião. Eu então... não, pelo muro ainda não. Pelo muro? eu acho que pelo muro ainda não. Não sei. Agora não me lembro. Tô fazendo confusão. P1 – O muro foi em 1948. R – O muro foi 1948? Então não... era. Que essa viagem foi em 1954, então já existia o muro. A minha mulher tinha uma prima que trabalhava no consulado brasileiro. Era contratada local, como eles chamavam. Não era da carreira diplomática. Era oficial de chancelaria. E ela então me levou ao cônsul. O cônsul disse: “Bom, o negócio ta meio complicado. Que o senhor só pode, o senhor é oficial da marinha, o Brasil não tem relações com a Alemanha Oriental. O senhor só pode ir de avião porque o aeroporto está fora da zona oriental. Então o senhor não pode ir nem por trem nem por estrada de rodagem. Se o senhor for pra Berlim, o senhor se hospeda num hotel cinco estrelas e não sai com guia que não seja recomendado pelo hotel. Que o senhor, se cair na Berlim Oriental, o senhor corre o risco de poder ser preso.” Eu fui de avião. Voltei. Depois voltei, fui pro hotel cinco estrelas. Hotel Kempinski, me lembro bem dele. Mas me deu vontade de visitar Berlim Oriental. Eu então chamei um guia e disse. Eles, primeira condição: “O senhor não leva máquina fotográfica porque é proibido tirar fotografia.” Mas acontece que logo que nós saímos, bom, antes de entrar em Berlim Oriental tinha aviso em três línguas. Francês, inglês, alemão. Cuidado, você está a 500 metros da fronteira. Você está a 400 metros. De 100 em 100 metros tinha um aviso daquele. Entrada na porta de Brandenburg. E adiante, à direita, via-se as ruínas do Reich. Eu quis tirar uma fotografia. O homem ficou doido: “Não pode tirar.” “Eu vou tirar.” Tirei de dentro

do carro. Não saiu nada. Evidentemente não saiu nada. E visitamos Berlim Oriental. E eu fiquei todo embaixado em ar quando eu achei, dentro de Berlim Oriental, em frente ao prédio onde era a sede do governo militar, que não podia ser fotografado, um ônibus com uma bandeira brasileira pendurada numa janela do ônibus, facilmente reconhecível pelo losango. Eu tirei uma fotografia. O homem ficou maluco, o motorista. Não saiu também. A fotografia não saiu. Eu visitei Berlim Oriental e se via nitidamente. Eu tenho uma sobrinha que esteve lá há pouco tempo. Diz que ainda se nota a diferença do pessoal de Berlim Oriental com Berlim Ocidental. Visitei o muro. Foi muito interessante essa viagem. P2 – Doutor Celso, eu queria agora saber o seguinte. Entrando agora na época já da Unimed, eu queria saber, já que o senhor foi um dos fundadores, como surgiu essa idéia da formação de uma cooperativa na Guanabara então? R – A cooperativa nasceu em Santos. Correram as notícias por aqui que lá em Santos, no Estado de São Paulo, tinham sido fundadas cooperativas médicas. E tinha sido fundada uma também aqui em Nova Iguaçu que nós não sabíamos. Então o assunto foi debatido em duas reuniões. Numa reunião do Conselho Regional de Medicina do Estado da Guanabara e na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Estado do Rio de Janeiro, quase que simultaneamente. E resolveram nomear uma comissão. A idéia foi do Chastinet. Ele é que teve a idéia, que soube, ele que mais incentivou isso. Doutor Djalma Chastinet Contreiras. O Conselho resolveu designar uma comissão constituída por cinco médicos. Um, o doutor Fernando de Paiva Samico, que era o então presidente do Conselho Regional de Medicina da Guanabara. E o outro, o doutor Djalma Chastinet Contreiras, que era vice-presidente. E mais três nomes de três médicos, que eu não me lembro de jeito nenhum. Já tentei me lembrar, mas não consigo lembrar. Os cinco visitaram Campos, visitaram Santos, a Unimed de Santos que foi fundada no Sindicato dos Médicos de Santos, que era presidido também pelo Edmundo Castilho. Foi quem teve a idéia de fundar uma cooperativa médica. E visitaram também a Unimed de Campinas, que era o então Prós pela Unimed do Estado de São Paulo. Voltaram, apresentaram um relatório. Os relatórios foram examinados, discutidos. Nós resolvemos fundar uma cooperativa. Mas antes eu acho que deveria voltar 150 anos atrás quando se fundou uma cooperativa numa cidadezinha inglesa, Rochdale, em 1853 me parece, por aí, 1853, 1854, por 28 tecelões. Fundaram uma cooperativa baseada em alguns princípios. Neutralidade política, religiosa e racial. Cada cotista igual a um voto. Isso é que eu acho mais importante dos princípios. Independe, nas votações pra deliberações das cooperativas, são independentes a votação, o número de quotas que cada um possui. Um voto, um cotista é igual a um voto. Ele pode ter 100 votos e não usa os 100 votos na assembléia. Só pode usar um. Esse é o princípio cooperativista. Pelo fato de as cooperativas, as cooperativas se disseminaram logo depois dessa, nos países europeus, principalmente na Inglaterra, França, Alemanha, Itália e nos Estados Unidos. Milhares de cooperativas. No Leste Europeu. No Brasil também, mas no Brasil eram predominantemente agropecuárias. Tanto que o registro das cooperativas era feito através de uma repartição do Ministério da Agricultura, o Inca. E nós somos regidos, as cooperativas são regidas por uma lei número 5764. Lei do Cooperativismo, cuja reforma está há mais ou menos 15 anos dormindo um sono plácido no Congresso Nacional. Eles pretenderam reformar a lei cooperativista por razões que eu não sei, mas o fato é que ela, há mais de 15 anos, ela dorme placidamente no Congresso Nacional. Nenhum deputado ressuscita e vai votar. Bom, nós fizemos então uma reunião depois na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro onde estavam presentes 27 médicos. Eu vou enumerá-los agora. Não todos, mas alguns agora. Mas antes vou dizer que a escolha da Sociedade foi um lugar ideal porque a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro é a mais antiga do Brasil, fundada em 1886, que tem livros preciosos com a primeira ata transcrita num livro que é guardada lá na Sociedade com outros documentos históricos dessa época. Tomou parte, naturalmente, num começo, não sei o que, na abolição da escravatura e também na proclamação da República. Nós temos telegramas lá que provam isso. Então, além do mais, a Sociedade, por esse motivo, por ser federada da Associação Médica Brasileira, era foco de atração de uma porção de médicos. Mesmo porque cinco ou seis sociedades especializadas, que não tinham sede própria, eram sediadas na Sociedade. Isso atraía muitos médicos. Durante o dia nós realizávamos muitos seminários, cursos que nós chamávamos de Educação Continuada. E entrega de títulos de especialistas, que era atributo das federadas da Associação Médica Brasileira. Um médico, pra ser especialista, ele tem que ter um título conhecido por sua Sociedade. E isso era feito através da Sociedade federada da Associação Médica Brasileira. Então tudo isso atraía muita gente. Além do que, a proximidade a grandes hospitais. O Instituto Nacional do Câncer, que era na Avenida Mendes Sá, 197, perto da Praça da Cruz Vermelha onde está o Instituto Nacional de Câncer. O Instituto de Trauma-ortopedia, o Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, a Beneficência Espanhola, o Hospital Souza Aguiar, o Instituto de Hematologia, o Hospital Moncorvo Filho onde várias clínicas da Faculdade de Medicina funcionavam lá. Então todos esses médicos eram atraídos para a Sociedade. A escolha do Chastinet foi muito feliz. Isso propagou a notícia do cooperativismo médico. E no dia 8 de dezembro de 1971, em assembléia geral, os 27 médicos assinaram a ata de fundação. Chastinet número um e eu número dois. Tanto que eu sou o médico matrícula 00002. Eu tenho o título aqui e lá na Unimed, no livro consta naturalmente isso. Os médicos eram, vou ver se eu me lembro... Djalma Chastinet Contreiras, já falei. Fernando de Paiva Samico, que era presidente do então Cremeg. Charles Damian, presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. Sua senhora, doutora Hela Damian, doutor Arnaldo Bonfim, que veio depois, mais tarde, a ser presidente da Unimed, doutor Miguel Olímpio Cavalcante que, nos primórdios da Unimed, foi diretor tesoureiro, doutor Mário Barreto Correa Lima, doutor Vicente Vilano, doutor Rogério Rocco, doutor Rodolfo Rocco. E, se alguém tiver que escrever, Rocco é com dois “c” e Hela é com H. Professor Umberto Perrotta. Umberto, nome italiano sem H. Perrotta com dois t. Doutor Heitor Ribeiro Pinto. Não sei quantos eu falei aí. P1 – Uns 12, doutor. R – Uns 12? P2 – Então nós temos esses 27 nomes? R – 27 nomes. Eu não sei, não me lembro os outros não. P2 – Eu queria, doutor, que o senhor falasse... R – Arnaldo Bonfim, falei. Miguel Olímpio Cavalcante, falei. Charles Damian, Samico. Chastinet que foi o idealizador disso. O grande líder. Foi quem relatou, quem fez a exposição. O relatório que eles trouxeram de Campos, tanto na Sociedade como no Conselho, quem fez foi ele. Bom, depois nós saímos. A nossa sede foi na Sociedade. Agora, devido à burocracia, registro no Ministério da Agricultura, registro na Junta Comercial, essa burocracia toda levou mais ou menos uns seis meses. E pra nós começarmos a funcionar, nós só fomos começar a funcionar realmente no último quadrimestre do ano de 1972. E uma coisa nos afligia, a mim principalmente, falar constantemente: “Chastinet como é que nós vamos arranjar clientes? Fazer contrato com quem? Então resolvemos fazer contratos com as sociedades médicas que nos apoiavam. Então os primeiros contratos foram com a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, com o Conselho Regional de Medicina do Estado da Guanabara, que nesta ocasião não era mais presidida pelo Fernando Samico. E com o Sindicato dos Médicos Servidores do Estado da Guanabara, que era presidido pelo Rogério Rocco. Não o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. E dona Ruth Martins, que era superintendente da Sociedade dada a fluência de médicos. Quando algum empregado da Sociedade pretextava alguma moléstia, uma dor de cabeça, e pretendia sair pra um dos médicos cooperados, e nós já tínhamos a lista, ela sempre impedia e esperava que algum médico chegasse lá pra se consultar com esse empregado pra evitar despesa à Unimed. P3 – Doutor Celso, eu queria fazer uma pergunta. Eu tô fora do grupo aqui. Além dos princípios que norteiam as cooperativas, com a Cooperativa Inglesa em 1853, a união desses 27 médicos era norteada por alguma filosofia diferente? R – Não, não. Todos foram livres da necessidade de se filiarem porque a vida do médico naquela ocasião estava muito difícil pra ganhar dinheiro. A medicina liberal, como era chamada, era mais um apanágio dos ricos ou de quem tinha mais dinheiro para pagar a consulta. Os pobres iam pras filas do INSS, que naquela

ocasião era INPS. Prestava assistência médica e tal. Que tinha uma série de categorias. Tinha médico que era efetivo por concurso, tinha médico contratado. Tinha médico adjudicado, que eu nunca soube o que era médico adjudicado. Mas então eram filas para atendimento. E a cooperativa, não. Mudou porque o indivíduo se tornava sócio da cooperativa, pagava, paga uma mensalidade. E através do pagamento dessa mensalidade ele tinha direito a consulta em consultório como se fosse cliente particular. Tinha direito a assistência operatória nas casas de saúde que tinham convênio com as cooperativas. Não podia ser em qualquer casa de saúde. Só determinadas casas de saúde que tinham contrato com as cooperativas. E não era qualquer casa de saúde não. Obedecia uma lista de casas de saúde. Era assim que era feito. P/1 – Doutor Celso, e esse era o ano de 1971, 1972 que o senhor está falando? R – Sim. P/1 – Como é que era a convivência dessa cooperativa com o regime de governo de então? R – Nós éramos afastados. Eu disse que um dos princípios básicos era a neutralidade política. Então nós não nos envolvíamos em política nenhuma. Como a Sociedade de Medicina e Cirurgia também não fez. Isso eu posso contar posteriormente. Uma ocasião quando eu fui ... não, nós estamos contando da cooperativa. Vamos usar a ordem cronológica. Nós ficamos na Sociedade até 1973. A cooperativa foi fundada 8/12/1971. P/1 – É a chamada Comeg? R – Comeg é sugestão do Fernando de Paiva Samico. O nome de Comeg era Cooperativa Médica do Estado da Guanabara. Existiam outras cooperativas em Minas, Belo Horizonte. Em Curitiba, Porto Alegre, e Rio de Janeiro. Não se chamava Unimed. Nós só mudamos o nome para Unimed, cuja sigla significava: União de Médicos. É 1974. Ocasião em que se mudou também o logotipo. Que eram dois pinheirinhos estilizados. Dois pinheirinhos verdes. Estilizados. E esse atual foi desenho da senhora de um médico neurocirurgião que trabalhou aqui no Hospital Souza Aguiar. E depois mudou-se para São José dos Campos. Essa senhora, que eu não conheci, foi quem fez a sigla que foi aprovada na ocasião, que foi universalizado o nome de Unimed. Que antigamente só falava Comeg. Em Minas, eu não me lembro o nome do de Minas. Paraná também não me lembro. E a gaúcha também não me lembro. Mas então ficamos lá até 1973 quando o Julinho, o Júlio Sandersen de Queiroz. Chamado, todo mundo chamava de Julinho. O Julinho me disse em fins de dezembro de 1972, quando o Chastinet estava ausente: “Celso, vocês estão perturbando o serviço da sociedade. Com esse serviço de Comeg aqui, com esse pessoal. Esse fluxo de gente, não sei o quê. Estão perturbando.” E eu digo: “E então vocês têm que se mudar.” E nós fomos, nós mudamos para a Avenida Franklin Roosevelt em um prédio onde funcionava Montepio Cooperativista do Brasil, que era presidido por um coronel reformado, cujo nome eu não me lembro. Tenho a impressão que se chamava Elvídio. Mas o sobrenome eu não me lembro. Ele era presidente do Montepio Cooperativista do Brasil e nos cedeu duas salas exatamente em frente a ele. E nós não tínhamos dinheiro para telefone. Usávamos – porque era muito caro na época o telefone fixo – e usávamos o telefone do Montepio, mas fora das horas do Montepio que fechava o expediente às 5 horas. Quando por acaso havia um telefonema para nós durante o dia, nós procurávamos não atender. Que era para não estar usando o telefone durante o trabalho do Montepio. Depois nos mudamos, ficamos no Montepio, mudamos, até 1975 se não me engano. E nós mudamos para a Rua Mayrinque Veiga para o quinto andar. Na Rua Mayrinque Veiga, 6. Lá perto da Praça Mauá. Andar esse que nós posteriormente compramos. Agora, houve um fato curioso, e que eu só não vou dar o nome de quem, e nós tivemos que fazer um empréstimo bancário. Nós passamos por uma situação, uma situação financeira ruim no ano de 1975. Então nós fizemos uma reunião e precisávamos de médicos. 10 médicos. Porque eram 10 promissórias, melhor dizer, é múltiplo da quantia que nós íamos pedir emprestado. Empréstimo feito no BNCC. Mas nós conseguimos nove. Chegou na hora de assinar o empréstimo, só tinham nove. Mas aí um de nós, um dos nove disse: “Eu assino duas promissórias”, o espanto foi geral. “Logo você o mais pronto de todos?” Ele disse: “Não, mas eu sou o único que tenho prática de empinar papagaio.” P/1 – [RISOS] R – Que era o termo que, naquela ocasião, se usava para pedir empréstimo bancário é empinar papagaio. Então foram feitas nove assinaturas em 10 promissórias. P/2 – Doutor Celso, eu queria que o senhor voltasse a 1973. Não foi em 1973 que teve o contrato com o Banco Denasa? R – Não, o Banco Denasa foi um pouco depois. Foi em 1973, mas aí eu acho que 1973 foi assinado, foi o grande contrato que nós fizemos foi com o Banco Denasa que era presidido pelo doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira. P/2 – Isso. R – Ex-presidente da República. E tem uma fotografia, eu acho que ainda existe essa fotografia, no gabinete da cooperativa da Unimed. Existia, o Chastinet existia, inclusive essa fotografia foi passada para o metal. E hoje o quadro não é fotografia comum, mas sim com uma impressão em metal. P/1 – O quadro. R – O quadro existe lá. P/2 – Mas o senhor participou da assinatura desse contrato? R – Eu estava presente, mas infelizmente, infelizmente eu fui, na fotografia minha cara não aparece. Só aparece a minha carequinha por trás de um outro, que era mais alto. P/1 – [RISOS] R – Que eu estava, estava na minha frente. [RISOS] Mas esse foi o primeiro contrato importante que nós fizemos. Mas os contratos iniciais, verdadeiros foram com essas três sociedades. E depois começaram a fazer contratos particulares. Porque a idéia se disseminou. Digo eu da felicidade do Chastinet ter escolhido a sociedade pela proximidade. Primeiro pelo grande prestígio que ela tinha naquela ocasião que era muito importante. E que era muito freqüentada a sociedade. Com esses cursos, seminários, cursos noturnos. E a freqüência dos médicos especialistas. A sede dessas cinco sociedades que não tinham sede própria. Então elas: Sociedade Brasileira de Oftalmologia, Sociedade Brasileira de Patologia Clínica, Sociedade de Hipnose Médica. As outras, eu não me lembro. Era mais duas ou três. E havia uma sala especial. Cada uma delas tinha o seu armário com um letreiro na porta onde guardavam os papéis, atas, etc. E o serviço era feito pelo pessoal da Sociedade de Medicina e Cirurgia. A quem nós devemos muito, nós devemos muito. P/1 – Doutor Celso, e o senhor admite também, quando partiu para os contratos individuais, que os clientes Unimed tinham e têm essa noção de que é uma cooperativa, a Unimed? Isso passa para os clientes? R – Bom, isso eu confesso ao senhor que eu nunca perguntei a cooperado, a médico, a cliente, porque eu quando eu entrei para a Petrobrás e eu fui ser chefe do Serviço Médico da Petrobrás, na Refinaria Duque de Caxias, trabalhava de 7 às 4 da tarde. Então era impraticável eu ter consultório médico. Então eu tinha consultório médico com um meu afilhado de casamento que morava aqui nessa rua na outra esquina. Julio de Castilho esquina de Conselheiro Lafaiete. Onde uma filha dele, a única filha mora, solteira, mora aí até hoje. Chama de tio. Eu tinha consultório com ele na Avenida Rio Branco no prédio ao lado da sede do Jornal do Brasil. Acho que era 104, se não me engano, o número. Fechei meu consultório. E quando eu estava, a minha permanência na Unimed, depois na Federação das Unimed do Estado do Rio de Janeiro. E depois na Unimed, mais recentemente, que é a cooperativa de crédito. É, eu não exercia a clínica. Era, só médico cooperado licenciado. Nunca exerci a clínica no tempo que eu era cooperado porque não tinha mais consultório. Eu sempre trabalhei em órgão diretivo. E volto a frisar que nos dois anos iniciais nenhum diretor, nem conselheiro, era remunerado. Trabalhávamos por amor a arte. P/2 – E que órgãos diretivos o senhor trabalhou? R – Hein? P/2 – Em que lugares de direção da Unimed o senhor exerceu a função? R – Na Unimed Rio desde a fundação, e até depois que nós compramos o prédio na Rua Capitão Félix, 34. Que era um prédio de cinco andares. E três andares superiores, independentes dos dois andares inferiores. A entrada era lateral. Onde funcionava uma agência do Unibanco. Era uma firma de engenharia, de aerofotogrametria, que havia fechado o escritório, terminado a firma. Nós estávamos muito acanhados na Mayrinque Veiga, 5, então já tínhamos Mayrinque Veiga, 6, quinto andar. Aí já tínhamos comprado o andar. E nós estávamos... a sede já estava pequena. Então compramos, não achamos no Centro da cidade nenhum prédio com andares vazados que se faz hoje em dia. E depois aquelas divisórias de acordo com as necessidades. E nós conseguimos encontrar esse prédio lá em São Cristóvão. Tinha dois salões enormes onde nós pudemos fazer essas divisórias para fazer os escritórios. Compramos esse prédio. Eu não me lembro a data, não me lembro a data não. Foi... P/2 – Não faz mal.

R – Não me lembro a data. E depois fui diretor da ... então sempre trabalhei em órgãos diretivos. Diretor administrativo, diretor superintendente da Comeg, depois da Unimed. E diretor administrativo da Federação, que eu não fui reeleito. Quando o Bonfim foi eleito ... Arnaldo Bonfim, foi eleito presidente da Unimed, eu não fiz parte da chapa. Eu não fui reeleito. Fui então eleito para a Federação, cujo presidente era o Chastinet. Que era presidente da Federação das Unimed. Que as cooperativas médicas elas são chamadas de singulares as das cidades. Em cada estado tem uma que é Federação das Unimed daquele estado. E a Confederação cuja sede é São Paulo reúne todas as Federações estaduais. P/1 – Doutor Celso, dentro desse modelo da Unimed, essas chamadas Convenções Nacionais das Unimed, o senhor deve ter participado de algumas e deve ter relatos para nos dizer. R – Ah, participei. E aqui no Rio, na Unimed eu era, digamos assim, o organizador. Era, porque era da função do diretor Administrativo, né? Nós naquela ocasião, por economia, não usávamos muito essas firmas que hoje fazem congresso, etc. Passamos a usar no fim. Mas depois...no início era feito só por nós mesmos, diretores. P/1 – E qual era o papel, a função dessas Convenções no quadro da Unimed? R – Era a discussão sobre problemas que cada um tinha e também sobre assuntos médicos. Dentro de determinada especialidade. E tinha sempre uma seção que era sobre cooperativismo e eram debatidos os problemas que surgiam nas cooperativas, no relacionamento cooperativas com o público associado, com os hospitais, com laboratórios. Enfim, sobre política médica cooperativista. Mas eu tenho a impressão que os usuários não têm, não devem ter conhecimento de que seja uma cooperativa médica, não. Não sei não. Porque existem...o Brasil era predominantemente, quando nós fundamos a nossa, predominantemente de agropecuária. Mas existem cooperativas de consumo, de habitação, de ensino, de trabalho. Existem de várias profissões. P/1 – Uma pergunta que passou... R – Lá na França, também há uns 8 anos atrás, o segundo maior banco francês era um banco cooperativo: Crédit Agricôle. Era banco cooperativo. Aqui no Brasil existem dois, mas que na classificação bancária devem estar depois do septuagésimo por aí, assim e tal. Não são grandes bancos como na França, que era o segundo maior banco, né? Crédit Agricôle. P/1 – Naquela nossa pergunta sobre o modelo político e sobre o funcionamento de uma cooperativa, eu não sei se o senhor queria relatar alguma dificuldade ou facilidade de relacionamento, ou não? R – Não. Não, nós nunca tivemos dificuldade política nenhuma porque um dos princípios básicos votados na ocasião, no Rochdale, era a neutralidade política, religiosa e racial. Então eram três terrenos que nós não entrávamos. Por força dos nossos estatutos. E do consenso geral. Agora, quando eu fui presidente, eu fui presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia duas vezes. Aí a coisa foi diferente. Nós não tínhamos ingerência política também. Mas eu me lembro quando eu fui eleito, eu sucedi ao Júlio. O Júlio foi eleito e foi eleito dois mandatos, teve um mandato tampão de um ano para coincidir com a eleição da Associação Médica Brasileira, e nós funcionávamos, fazíamos eleições nos anos ímpares. Eles faziam nos anos pares. Sei lá, então tinha o Júlio, tivemos que prorrogar o mandato do Júlio a contragosto dele um ano. Mandato tampão. E ele depois, ele escolheu a mim e a outro grande amigo dele, general médico Orlando Gomes Bertier. Meu queridíssimo amigo. Escolheu um dos dois, que éramos íntimos amigos dele, para sucedê-lo. O Bertier não quis e eu também não quis. Então ficou um impasse: “Vocês decidam entre vocês dois. Porque tem de ser um de vocês. Eu não quero.” Eu digo: “Eu não posso ser porque eu vou suceder a você.” O Júlio era um orador nato e extraordinário. “E eu não posso mudar de água para o vinho. Eu não sei falar. Eu quando me levanto para falar e mais de dois olhos olham para mim eu fico nervoso. Eu não sei concatenar as palavras. Então não quero, não quero ser.” O Júlio cometeu, na minha opinião, o absurdo de tomar posse na Academia Nacional de Medicina como membro honorário onde o traje obrigatório dos acadêmicos nas sessões de posse de Diretoria, o traje obrigatório, é o smoking. O Júlio me aparece lá, eu fui à posse dele, me apareceu na solenidade com gravata preta, gravata vertical. Eu digo: “Júlio, você está quebrando o padrão?” E por absurdo que pareça, ele fez um discurso de improviso sobre o patrono da cadeira, sobre o último ocupante da cadeira como é de praxe. E sobre ele próprio. Tudo isso de improviso. Falou uma hora mais ou menos. Então eu não podia substituir um homem desse, que falava dessa maneira. Mas acabei sendo convencido e fui reeleito. Então fui reeleito e fui exigido para fazer a primeira chapa, e nós tivemos que fazer uma composição política. Política médica, tem médicos que fazem política partidária também e tal. E então a nossa diretoria da sociedade era composta por 11 membros. E nós tivemos que admitir para a composição eleitoral dois colegas que eram do velho Partidão. Do Partido Comunista do Brasil. Excelentes figuras. A propósito, eu tenho que dizer porque naquela época falavam: “Comunista come criança, não sei o quê.” Eles eram ideólogos. Um deles, cearense, teve dois filhos que eram empregados da refinaria, da fábrica de borracha sintética Fabor. Que hoje tem outro nome. Eu não sei como é que chama hoje, mas era... é anexa à Refinaria Duque de Caxias. É da Petrobrás. Eles eram empregados da Petrobrás, mas trabalhavam na Fabor. Eram comunistas da linha chinesa. E os dois foram presos. Foram torturados inclusive. Depois foram soltos. Um belo dia o pai deles que era meu secretário, Carlos Eduardo Thomé de Sabóya, e como era Thomé com h, e Sabóya com ípsilon, eu quando ia às sessões de Diretoria eu falava, costumava dizer: “Thomé com Th e Sabóya com psilone.” E meu vice-presidente era Umberto Perrotta, eu dizia: “Umberto sem H e Perrotta com dois t.” Mas uma ocasião, ele entrou e disse: “A Sociedade está sendo vigiada. Porque eu vi a polícia que foi prender o Paulinho – que era o filho dele – está andando do lado de lá da Sociedade.” E nós fomos à janela e vimos pela fresta. E tinha realmente um camarada por ali então. Nós não sofremos nada, nada absolutamente. Embora da Diretoria do Júlio, onde tinha também um comunista, esse atuante. Esse foi trocado, fez parte da troca de um daqueles embaixadores. Quando eles trocaram parece que 12, né? P/2 – Sim. R – Ele foi preso, continuou preso até o fim e saiu da prisão para ser trocado pelo embaixador. Era secretário da Diretoria do Júlio. Que antecedeu a minha. P/2 – Doutor Celso, eu queria começar a encaminhar para as questões finais da entrevista. Infelizmente eu tenho que fazer isso. Mas antes eu queria que o senhor me dissesse como é que era o doutor Chastinet? R – O doutor Chastinet era um homem extremamente inteligente, extremamente simpático, entendeu? Homem de esquerda. Falava muito bem. Escrevia muito bem. E foi... eu fui companheiro dele durante todo o tempo de Unimed. Porque ele foi o primeiro presidente da Comeg e eu o primeiro diretor superintendente, naquela ocasião. Depois fui com ele para a Federação. E ele depois deixou a Federação e não foi, não foi para a Unimed. Eu continuei da Unimed e ele não foi. E, mas era uma figura extraordinária. Ele foi o grande idealizador com cooperativismo aqui. Ele era... foi vice-presidente da Unimed do Brasil. Uma vez por semana ele ia à São Paulo. No que pese nós sermos, termos sido grandes amigos eu brigava com ele constantemente. Constantemente eu brigava com ele. E, mas brigas, sem deixar moça [?] em ninguém. Era discussão. E ele ia à São Paulo toda terça-feira, ele ia para São Paulo. Lá para a reunião das Unimed do Brasil. Onde ele era tanto ou mais ouvido do que o próprio Castilho, que era o presidente da Unimed do Brasil. Eu tenho até o depoimento de um fundador da Comeg, Amauri Barbosa da Silva. Não sei se eu falei o nome dele. Se não falei foi uma injustiça, estou falando agora. Ele foi fundador da Unimed, depois ele foi presidente da Unimed Brasília, ele mudou-se para Brasília. Foi presidente da Unimed Brasília, e foi conselheiro da Unimed do Brasil. Houve uma época que eu, não preciso [?] uma decisão séria na Unimed do Brasil. Quando o Chastinet já não era mais vice-presidente. E o Chastinet era chamado por todos de Meu Guru. Então o Amauri me disse, depois que houve essa cisão, o Amauri disse: “Se o Guru estivesse lá, não teria deixado que isso acontecesse.” Tal o prestígio que ele era tido pelos próprios colegas de Diretoria da Unimed do Brasil. Inclusive pelo Castilho, que era o presidente. Era um homem, foi um homem extraordinário a quem eu prezo muito. Morava aqui pertinho de mim, na Rua Raul Pompéia. P/2 – E doutor Celso, como é que o senhor se sente hoje tendo participado da fundação de uma cooperativa de médicos que têm essa dimensão que atingiu hoje? R – Professora, eu me sinto muito lisonjeado. E mais ainda



com esse convite que foi feito de eu fazer essa entrevista, dar essa entrevista. Convite feito pela atual diretoria. E eu quero dizer, aproveitando a oportunidade, quando eu saí da Unimed, quando eu deixei o órgão de direção da Unimed Rio, eu fiquei do lado de fora vendo aquela árvore que eu ajudei a plantar, crescer. Um crescimento extraordinário. Devido, principalmente, às duas últimas presidências do Arnaldo Bonfim e a do Celso Barros, agora. E naturalmente de seus colegas de Diretoria e conselhos, que deram uma dimensão extraordinária. E até eu, para usar do slogan da Unimed – quer dizer, slogan não – de um dos anúncios da Unimed, que transformaram a Unimed no segundo maior plano de saúde: “Contribuir é Viver.” Muito obrigado. P/2 – Obrigada doutor Celso, muito obrigada mais uma vez. R – De nada, eu acho que falei tudo sobre Unimed. P/2 – Ainda teria mais coisas para falar. Mas a gente faz uma outra entrevista. R – Outra? Mas o quê? Sobre o quê? P/1 – Em algum momento. Nós agradecemos muito ao senhor, doutor Celso. R – Mas eu não tenho mais nada para falar. Falei da Fundação, falei do Rochdale. Falei do.. P/1 – Mas o senhor falou muita coisa. P/2 – O senhor falou. P/1 – Falou excelentemente. P/2 – É que a gente queria ouvir mais [RISOS]. R – Falei da sede, falei do ... só não disse o nome do que empinava o papagaio. Para a senhora eu disse. P/2 – Só não disse o nome. R – Naquela conversa por telefone eu disse. P/2 – Para mim o senhor disse. R – Mas eu não vou dizer agora. P/1 – Claro. R – Ele já faleceu há algum tempo, aliás.

FIM DA ENTREVISTA

---